

## **AGORA SIM, CHEGUEI AO BRASIL!**

### **At Last: I Arrived in Brazil!**

Saara Nalitye NANGOMBE, UFMG<sup>1</sup>

Meu nome é Saara Nalitye Nangombe, tenho 22 anos e nasci na Namíbia, África. Venho de uma pequena cidade na parte norte da Namíbia chamada Oshakati. Minha língua materna é oshiwambo, mas eu falo inglês – idioma oficial do meu país – e afrikaans, que eu aprendi na escola como língua adicional. Deixei o meu país com 19 anos para dar continuidade aos meus estudos no Brasil através do Programa de Estudantes-Convênio de Graduação (PEC-G) na Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG).

Tudo começou em 2014. Eu estava assistindo um programa de manhã, o “Good Morning Namibia”. Naquele dia, o embaixador do Brasil na Namíbia estava falando sobre o PEC-G, que, como afirma o site do programa<sup>2</sup>, fornece a estudantes de países em desenvolvimento com os quais o Brasil mantém programas educacionais e culturais ou convênios científicos e tecnológicos, a oportunidade de cursar a graduação em Instituições de Ensino Superior brasileiras. Para poder participar do programa, os estudantes são obrigados a apresentar o Certificado de Proficiência em Língua Portuguesa para Estrangeiros (Celpe-Bras), do Ministério da Educação brasileiro. No caso de países como a Namíbia, que não contam com um posto aplicador do exame, os candidatos podem apresentar o exame após o término do curso de Português como Idioma Adicional (PLA) sediado em algumas das universidades vinculadas.

Quando ouvi isso, fiquei muito feliz de ter acordado cedo naquele dia, porque meu objetivo sempre foi realizar meus sonhos fora do meu país. Aquela era uma chance que só acontecia uma vez na vida e eu não poderia perdê-la. Fiz as malas e viajei de

---

<sup>1</sup> Email: [saarapecg2015@gmail.com](mailto:saarapecg2015@gmail.com)

<sup>2</sup> Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/pec-g?ativo=531>> Acesso em: 03 abril 2018>.

ônibus por sete horas até a capital da Namíbia, onde ficava a embaixada do Brasil. Eu sempre soube que havia um país chamado Brasil, mas sabia muito pouco sobre ele, não muito além do estereótipo de que os brasileiros amam tanto futebol que jogam em qualquer lugar e em todos os dias da semana. Cheguei à embaixada e consegui os documentos necessários para estudar no Brasil.

O Brasil é muito conhecido no meu país, não apenas por causa dos jogadores de futebol famosos, mas também pelos cabelos brasileiros que as mulheres do meu país amam tanto, assim como pelas praias que vemos de vez em quando nas novelas que eu cresci assistindo. Inclusive, quando eu estava me despedindo das pessoas em meu país para vir ao Brasil, elas sempre me pediam para dar um “oi” para a “Preta”, personagem interpretada pela atriz Taís Araújo na famosa novela “Da Cor do Pecado”. Então, não tive dúvidas quanto a aproveitar essa oportunidade de bolsa de estudos, embora eu nunca tivesse viajado antes e não soubesse o que esperar de um país tão distante da minha casa, com tradições e práticas culturais extremamente distintas.

Nada daquilo parecia tão importante perto do meu imenso desejo de ir ao Brasil. Sempre que as pessoas me perguntavam “Por que o Brasil?”, eu tinha vontade de responder: “Por que não o Brasil?”. Em primeiro lugar, porque eu adoro viajar e sempre quis sair do meu país, não importasse para onde fosse. Em segundo lugar, e mais importante, uma bolsa de estudos brasileira não era algo que eu poderia deixar passar! Além disso, eu sempre fui fascinada por aprender novas línguas, de preferência a língua portuguesa, por causa dos angolanos que moravam no meu país.

Depois de alguns dias, recebi uma carta de aceite me notificando que eu havia ganhado o privilégio de estudar na UFMG. Fiz algumas pesquisas e descobri que era uma das melhores universidades do Brasil, o que me fez sentir muito sortuda. Cheguei àquele novo país no início de 2015 com algumas dificuldades em todos os aeroportos pelos quais passei. Por algum motivo, todos percebiam que era a minha primeira vez viajando... Quando cheguei a Belo Horizonte, tive a sorte de ter um dos alunos veteranos do PEC-G para me buscar. Devido à barreira do idioma, tive muitas dificuldades, sobretudo porque não recebemos informações suficientes a respeito das coisas mais importantes que precisávamos fazer ou ter quando chegássemos ao Brasil.

Fiquei surpresa ao descobrir que iria fazer meu curso de graduação em português (eu imaginava que aprenderíamos o português para viver no Brasil, mas achava que as aulas na faculdade seriam em inglês). Encontrar um lugar para ficar também foi difícil, porque eu precisava de uma documentação que demorava dias para sair e, por isso, tive que passar algumas semanas em uma casa cheia de homens que eu não conhecia. Aquela situação me deixou muito desconfortável, mas, finalmente, tive que lidar com isso.

Graças a Deus pude, nas minhas primeiras semanas no Brasil, contar com o Google tradutor! Antes de as aulas de português começarem, foi o que mais me ajudou. Sempre que eu saía de casa, buscava garantir que meu celular estivesse carregado e ligado para o caso de eu precisar usar o tradutor.

As aulas começaram e tive o prazer de, finalmente, conhecer os “mágicos” – as professoras – que transformariam o meu *How are you?* em um *Como você está?* Havia cinco professoras: todas brancas. Isso foi, no início, um problema para mim. Eu não tinha liberdade para fazer perguntas a elas no começo, mesmo quando eu tinha dúvidas. Na verdade, aquilo não tinha nada a ver com elas. Acredito que aquela insegurança tinha a ver com a história do meu país. O *apartheid*, que é uma palavra que, em africâner, significa “separação”, foi um sistema de segregação e discriminação racial institucionalizada que teve grandes impactos na África do Sul e, conseqüentemente, no meu país que, por muito tempo, foi dominado por aquele país. O sistema baseava-se na supremacia branca e na repressão da maioria negra em benefício dos africâners política e economicamente dominantes e de outros brancos. Já passaram 28 anos desde a independência da Namíbia, mas, mas acho que ainda estamos passando por isso. Eu nunca havia estudado antes em um contexto em que todos os professores fossem brancos e, em geral, no meu país, dificilmente sentimos que podemos fazer perguntas aos professores, sobretudo, aos brancos. Porém, com o passar do tempo, me adaptei àquela nova situação e acabei percebendo que aquelas professoras eram incríveis.

Eu fazia parte de uma turma com 14 alunos, todos com culturas e valores morais diferentes. Foi incrível ver o quão diverso o mundo é! Eu não aprendi apenas uma nova língua naquelas aulas, mas também a diversidade que temos neste mundo, mesmo que a

turma fosse 80% africana – com estudantes de Gana, Quênia, República Democrática do Congo, Gabão, Togo, Senegal e Namíbia – e 20% centro-americana – Jamaica, Cuba, Honduras e Guatemala. Eu sou, naturalmente, introvertida e tímida. Então, isso também me impediu de aprender português mais rápido, já que era muito difícil começar uma conversa com alguém, especialmente por ser num novo idioma.

Demorei algum tempo para me adaptar ao estilo de vida brasileiro, provavelmente porque era muito diferente do meu: a comida (arroz e feijão todos os dias); o fato de eles serem tão cheios de opinião; a forma como se vestem; o fato de usarem os ônibus como meio de transporte público (quando, no meu país, usamos mais os táxis), entre outros. Eu percebi que a maioria dos brasileiros realmente não sabe muito sobre a África. Não acho que seja ignorância, mas porque a mídia retrata a África de um modo diferente do que realmente é.

Durante uma das aulas de português, tivemos uma tarefa na qual pegamos um ônibus para o centro e fomos para o Mercado Central de Belo Horizonte, onde circulamos perguntando o que os brasileiros sabem e pensam sobre a África. Aquelas foram as conversas mais hilárias que já tive. Os brasileiros são pessoas muito legais, muito receptivas também, e dariam uma mãozinha para qualquer um que precisasse, mas eu acho que a geografia não é o assunto favorito da maioria deles. Eles não sabiam onde a África estava localizada, achavam que era um país e que tinha alguma língua oficial chamada “africana”. Achavam que a África inteira era uma zona de guerra, que nós vivíamos em uma selva com macacos e leões... Foram muitas coisas que realmente me surpreenderam! Isso não só me ajudou na prática do Português, mas também me fez perceber que, mesmo quando você não sabe muito sobre uma pessoa ou não entende sua cultura, você ainda pode ser legal e aceitá-la de braços abertos, assim como os brasileiros fizeram comigo, e isso me ajudou a aceitar o povo brasileiro e a conhecê-lo ainda mais.

Houve outro projeto que tivemos que fazer durante nosso curso de português, chamado “Pelo Mundo”. Essa foi uma das muitas tarefas que fizemos que me ajudaram a vencer minha timidez e a aprender o português. Aquele projeto estava focado nas culturas dos alunos do curso para o PEC-G de 2015. Nós, como estudantes, tivemos que

preparar algo que se relacionasse às nossas culturas e apresentar para um público brasileiro no campus da UFMG, em um festival de culturas da Faculdade de Letras daquela universidade. Eu, por exemplo, apresentei um poema trilingue, em português, inglês e africâner, baseado em alguns equívocos sobre a África. Eu estava muito nervosa no começo, mas ver o público tão envolvido quando eu falei a primeira estrofe me deu o incentivo de que precisava para ficar mais confortável e recitar meu poema com orgulho. Eu me senti tão aceita que, desde então, eu não ficava mais tão reservada nas aulas, comecei a perguntar com muito mais liberdade e passei a não me importar mais em cometer erros gramaticais, porque percebi que isso é parte do processo de aprendizagem. Eu aprendi tanto o português que eu fiz o Celpe-Bras e ganhei um certificado de proficiência no final do ano, o que permitiu que eu pudesse seguir os meus sonhos na universidade.

Hoje, eu não só falo português como também me sinto mais brasileira, porque como arroz e feijão todos os dias e bebo o café mais forte que já provei na minha vida, sem reclamar. Em geral, fico feliz por ter aproveitado essa oportunidade e por não ter recuado por causa da barreira da língua, porque aprender o português foi a melhor parte de vir para o Brasil. As pessoas costumam falar sobre as discriminações e os preconceitos que elas encontram no Brasil. Mas, para mim, essas coisas estão em todos os lugares para onde vamos e sei que a forma como você vai lidar com essas questões é o mais importante. Para passar por situações desse tipo, sempre lembro da minha citação favorita de Nelson Mandela: “Ninguém nasce odiando outra pessoa pela cor de sua pele, ou por sua origem, ou sua religião. Para odiar, as pessoas precisam aprender, e se elas aprendem a odiar, podem ser ensinadas a amar, pois o amor chega mais naturalmente ao coração humano do que o seu oposto”. E é por tudo isso que sou muito grata pelo programa PEC-G.